

**SERVIÇO SOCIAL E FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA.
UMA EXPERIÊNCIA COM AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO**

**SOCIAL SERVICES AND LIFELONG TRAINING. AN EXPERIENCE WITH THE
NEW TECHNOLOGIES OF INFORMATION AND COMMUNICATION**

Maria Irene Lopes Bogalho de Carvalho

TRABAJO SOCIAL GLOBAL 2013, 3 (4), 23-36

Resumo

Com a disseminação das novas tecnologias assiste-se actualmente a uma geração de novas formas de aprendizagem. As Tecnologias da Informação e da Comunicação aplicadas no Serviço Social resultaram num projecto de formação ao longo da vida denominado *Vircamp*. O artigo pretende situar as transformações da modernidade considerando as novas formas de aprendizagem e investigação em Serviço Social numa perspectiva internacional, através de uma plataforma *e-learning* e situar a perspectiva dos profissionais do Serviço Social sobre este tipo de aprendizagem.

Abstract

With the spread of new technologies there is now a generation of new forms of learning through IT applied to Social Work which resulted in an innovative European learning and research project called Vircamp. The article aims to situate modernity, considering new ways of long life learning in social work in Europe through an e-learning process, as well as the perspective of social work professionals regarding this new platform of knowledge.

PC.- Modernidade, tecnologia, Serviço Social

KW.- *Modernity, technology, Social Work*

1 – Introdução: modernidade e tecnologia

Antes de centramos na questão principal, que são as novas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à formação ao longo da vida em Serviço Social, interessa definir o que se entende por modernidade e tecnologia. A modernidade foi construída a partir da ideia de racionalidade, cujo centro é o homem através da concretização da “ciência e tecnologia, em conjunto com os mercados e as burocracias, a disciplina e a autodisciplina” (Garcia, 2001: 239). As duas primeiras alimentam e potenciam mais o cálculo (acumulação e investimento da riqueza) do que os fins ou valores informativos (controlo moral), constituindo, na linguagem Weberiana, um meio para atingir um fim. Quer dizer que as primeiras duas se sobrepuseram às segundas e induziram esses princípios e valores na sociedade reificando-os como práticas quotidianasⁱ.

Estas ideias foram desenvolvidas na sociedade industrial onde os mecanismos de controlo e de poder estavam associados à vigilância e controlo da informação (instituições de vigilância); à acumulação de capital no contexto de mercados concorrentes de trabalho (capitalismo); ao poder militar consubstanciado na industrialização da guerra; e à industrialização e transformação da natureza (industrialismo) (cf. Giddens, 1988). Essas dimensões transformaram-se e potenciaram outras formas institucionais, como o poder totalitário, o colapso dos mecanismos de crescimento económico, as situações de guerra e a degradação ambiental, onde a ciência, a tecnologia e os mercados adquiriram tendências globalizadoras.

Estas transformações aliadas a outras dimensões particulares estão inscritas na vida social moderna, designadamente a separação do tempo e do espaçoⁱⁱ (Giddens, 1997: 15); a descontextualização das instituições sociaisⁱⁱⁱ (op.cit: 16-17) e a reflexividade institucional^{iv} (op.cit, 18-19), as quais concorreram para a formação de uma sociedade global organizada em rede (Cf. Giddens, 1997). Significa que as tecnologias de informação e comunicação ganharam relevo, globalmente no nosso quotidiano, onde o trabalho é local, o capital é global constituído em rede, potenciando novas necessidades e consequentemente exigindo novas formas de as satisfazer.

A rede organiza “o essencial da riqueza, o conhecimento, o poder, a comunicação e a tecnologia que existe no mundo” (Castells, 2003: xxi). Na obra “*O Poder da Identidade*” Castells (2003: xxi)¹, caracteriza a sociedade centrada na “globalização das actividades económicas estrategicamente decisivas; organizada em rede; flexibilidade e instabilidade do

emprego e pela individualização da mão-de-obra; por uma cultura da virtualidade real construída a partir de um sistema de média omnipresente, interligado; e pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de espaços de fluxos^v (Cf. Netto, 1996) e de um tempo, atemporal, expressado pelas elites que os controlam”. Esta sociedade desenvolveu-se em torno de um novo sistema tecnológico, a tecnologia de informação e de comunicação. Esta globaliza a cultura, oscilando entre uma cultura local e mundial, imperando uma cultura tecnológica. Concorrem para essa alteração as redes de comunicação, como a *Internet* e a televisão, implicando alterações no modo de vida das pessoas.

Na perspectiva de análise da actualidade, Miranda (2002: 8), qualquer que seja a categoria analítica para explicar a sociedade actual, é certamente seguro “que estamos a ser mobilizados” face a determinado acontecimento. O autor (op. cit.) refere-se à mobilização dos sectores públicos e privados, da cultura “elevada” e da cultura popular, do real e do simulacro, para o entendimento deste movimento cuja finalidade é a de denominar o tecnológico.

A sociedade tecnologia é também fonte de crítica, pois parece que ao centra-se nestas questões podem provocar um certo “descontrolo” no interior da experiência, à qual, se responde com mais tecnologia e com mais racionalidade. Este centramento na tecnologia agrega de modo absoluto todas as respostas, constituindo-se num tradutor generalizado de toda a existência.

Uma das mudanças fundamentais da actualidade, refere-se às orientações políticas e às interferências do poder económico nessas orientações. A soberania do estado e dos estados e do espaço político é (re) partida, quer dizer que é exercida num espaço local e simultaneamente internacional e global e, neste espaço, quem tem o poder é o capital. Por exemplo a ideia do pacto (entre estado e sociedade) é construída por uma burocracia supranacional, como por exemplo a União Europeia e Organização das Nações Unidas. Quem tem o poder de decisão nesse sistema são os que detêm o poder económico e simbólico. O poder instituído na sociedade em rede Castells (2005: 23) é criado, pelas empresas, mercados financeiros e pelos actores da sociedade (tanto global como anti-global) que se adaptam ou não a essa globalização. Geram-se assim novas formas de controlo político da diversidade e da complexidade cultural com implicações protectoras e desprotectoras da vida das pessoas.

Actualmente a tecnologia influencia todas as dimensões da vida, económica, social e política, isto é as relações entre as pessoas. A crítica à capacidade dos sectores mercantis para “perceber o novo papel da “técnica” deixou de ser um simples instrumento racional, um “meio” para afectar de forma gradual a própria constituição da experiência contemporânea” (Miranda, 2002: 8). Disso é exemplo a robótica aplicada ao corpo humano, como a técnica dos transplantes, a clonagem, o prolongamento da vida artificialmente, para as quais concorrem o conhecimento científico e o saber dos peritos. Estas tecnologias em vez de constituírem um meio, tornam-se um fim em si mesmo.

Face a esta tendência torna-se necessário a problematização e uma reflexão potenciadora da “construção de juízos críticos” plurais e democráticos, a partir de diferentes perspectivas de análise potenciando a reflexividade como auto confrontação (Cf. Beck, 2000). Actualmente somos testemunhas, actores essenciais dos fenómenos sociais, interagimos com a mudança num espaço-tempo actual. Esta experimentação e interacção consciente dos actores na elaboração da experiência colectiva traduz-se, como vimos, na utilização das tecnologias no nosso quotidiano, e essa experiência é construída no presente.

Essas experiências são simultaneamente individuais e colectivas e têm efeitos locais e globais substanciais e influenciam a acção e o conhecimento do Serviço Social numa sociedade cada vez mais global e tecnológica. Apesar dos efeitos perversos esta sociedade tem elementos potenciadores do conhecimento que permitem melhorar substantivamente o modo de vida das pessoas e das comunidades. É esse aspecto positivo que queremos aqui salientar quando falamos das TIC – Tecnologias da informação e da comunicação aplicadas ao Serviço Social, nomeadamente as potencialidades da *Internet* e da formação desenvolvida em plataformas de *e-learning*.

2 – Serviço Social e as TIC – Tecnologias da informação e comunicação

O Serviço Social pode ser definido como um processo de acção que visa a resolução de problemas no contexto das relações humanas e a capacidade e empenhamento da sociedade política e das pessoas na melhoria do bem-estar, assim como o desenvolvimento e o uso disciplinado do conhecimento a respeito do comportamento humano e social, o desenvolvimento de recursos para ir ao encontro das necessidades e aspirações tanto dos indivíduos, como dos grupos e da sociedade, com vista a uma maior justiça social^{vi} (APSS, 2000).

Este modelo explicativo, aceite internacionalmente, do que é o Serviço Social foi reformulado em 2004 no *Meeting of the International Federation of Social Workers and the International Association of Schools of Social Work* em Adelaide, Austrália e reforçou a questão da justiça social como um direito humano fundamental que deve ser defendido pelos assistentes sociais. Estes devem desafiar a discriminação negativa, reconhecer a diversidade, participar na distribuição equitativa de recursos, denunciar políticas inadequadas aos problemas dos clientes e trabalhar na promoção da solidariedade, sobretudo em casos de pobreza, estigmatização ou subjugação.

As rápidas mudanças na sociedade europeia, a mobilidade local e as diferenças nos factores sociais e económicos influenciam as condições de vida, os problemas, e o quadro de acção dos Assistentes Sociais. Estas transformações potenciam a necessidade de intercâmbio intercultural se quisermos ser capazes de compreender e combater a exclusão social, racismo e xenofobia num contexto internacional e local ao mesmo tempo. Actualmente é importante potenciar um ambiente aberto de aprendizagem onde os Assistentes sociais que vivem e trabalham em contextos muito diferentes têm a oportunidade de aprender uns com os outros, partilhar informações e conhecimentos importantes para o seu trabalho com os seus clientes. Esta nova realidade requer o desenvolvimento de novos métodos de trabalho e de novas redes profissionais para enfrentar os desafios do futuro numa sociedade cada vez mais centrada nas tecnologias da informação e da comunicação.

Neste sentido várias universidades europeias com cursos de Serviço Social uniram-se para, em conjunto, construírem um programa de formação, investigação e disseminação de boas práticas, numa perspectiva internacional, tendo em vista a melhoria do conhecimento em Serviço Social. Este programa denominado Virclass^{vii} e actualmente Vircamp tem como finalidade aumentar a consciência dos factores que influenciam a intervenção e contextualizar a prática profissional quanto às situações sociais e às condições de vida, à organização social, aos sistemas de protecção social e económico e aos sistemas políticos.

O programa tem como objectivos aumentar a comunicação, cooperação e compreensão entre os estudantes e profissionais no trabalho social de diferentes países da Europa. Esta formação especializada em Serviço Social é desenvolvida numa plataforma de *e-learning* e inclui três módulos temáticos. O primeiro módulo aborda o "Serviço Social como uma disciplina e profissão considerando as suas semelhanças e diferenças na Europa". Este tem

a duração de 9 semanas correspondendo a 5 ECTS. O módulo número dois analisa "aspectos fulcrais do Serviço Social" nomeadamente quanto à discriminação, à pobreza e às teorias e metodologias. Este tem a duração de 19 semanas, correspondendo a 10 ECTS. Este último módulo é dividido em três sub-temas que os alunos podem optar frequentar (2A Tema: Discriminação, opressão e diversidade étnica como fenómeno na Europa. Abordagens anti-opressivas e anti-discriminatórias no Serviço Social. 2B Tema: Pobreza e Sistemas de bem-estar na Europa. Abordagens anti-opressivas e anti-discriminatórias no Serviço Social. 2C Tema: Trabalho Social teorias, métodos, formação e Prática em diferentes contextos. O terceiro modulo refere-se ao tema do desenvolvimento comunitário e tem 10 ECTS.

Os módulos formativos incidem sobre a análise de temas e áreas do Serviço Social em diferentes países. A formação dirige-se a alunos, docentes e profissionais de Serviço Social relacionados com as universidades que fazem parte do projecto. O projecto visa o desenvolvimento de competências profissionais, de cooperação e de metodologias. As competências profissionais a desenvolver são as seguintes, ser capaz de descrever, analisar e comparar a intervenção do Serviço Social em vários países expandir os conhecimentos, competências e reflectir sobre dilemas éticos. As competências de cooperação a desenvolver implicam ser capaz de trabalhar em conjunto com alunos e professores de outros países numa sala virtual e de partilhar informações sobre o seu próprio país num processo de resolução de problemas. Em termos de competências metodológicas pretende-se que os alunos sejam capazes de descrever, analisar e comparar os diferentes métodos para analisar e apresentar dados em contexto internacional e de utilizar métodos de estudos comparativos.

São privilegiados métodos de trabalho orientados para os problemas e para a resolução de tarefas. Este processo implica reflexão sobre situações de acção social assim como ser capaz de comparar a situação com outros países europeus. O curso tem início com uma introdução à plataforma *e-learning* e à sala de aula virtual. Esta tem como finalidade familiarizar o grupo de estudantes e de professores que vão trabalhar em conjunto. Na segunda ou terceira semana os alunos recebem material de aprendizagem e são definidas novas orientações para o desenvolvimento das tarefas programadas, que podem ser individuais e em grupo. As tarefas a desenvolver estão relacionados com os objectivos do curso.

A participação exige que os estudantes forneçam *feedback* uns aos outros, tanto em termos de sua própria perspectiva individual, como a partir da perspectiva do seu país. Os estudantes que participam nos cursos têm que entrar na sala de aula virtual pelo menos uma vez por semana. É obrigatória a participação em conferências on-line entre estudantes e professores. Estas são programadas duas ou três vezes durante o período de estudo.

Os alunos realizam as tarefas que colocam no *e-portfolio* e recebem uma resposta e orientação do professor. O curso é organizado e administrado através de um sistema de aprendizagem virtual comum. As actividades desenvolvidas na sala de sala virtual incluem leituras, bibliografias, *chats*, *triggers*, espaço lúdico de café e espaço de discussão de determinados assuntos. A utilização da plataforma de *e-learning* proporciona aos estudantes a oportunidade de discutir directamente com os outros estudantes e profissionais de outros países as questões e temas desenvolvidos em cada módulo. Os alunos são avaliados pelo *e-portfolio* e pelo exame final que é avaliado de acordo com as regras e critérios de Bolonha. Posteriormente os participantes têm um diploma de participação certificado pela entidade que coordena o curso.

3.-Perspectiva dos Assistentes Sociais sobre o Processo de Aprendizagem *E-learning*

Para aferir a perspectiva e interesse dos profissionais de Serviço Social em participar numa formação desta natureza, realizada numa plataforma de *e-learning*, aplicamos uma entrevista exploratória a quatro profissionais que desenvolvem a sua actividade profissional em várias instituições sociais e de saúde no distrito de Lisboa. Estes profissionais foram seleccionados tendo em conta a diversidade de áreas de trabalho, nomeadamente instituições particulares de solidariedade social e instituições públicas de saúde e do poder local. Os profissionais exercem actividades diversificadas e em diferentes problemáticas, tais como gravidez e purpúreas adolescentes e em situação de exclusão; com doentes em situação de fragilidade social e a necessitar de apoio psicossocial; no desenvolvimento local e na investigação e intervenção na área da pobreza e exclusão num determinado espaço territorial – Figura 1.

Para além das actividades correntes de atendimento, diagnóstico, plano e execução das acções e avaliação, estes profissionais também estão integrados em projectos específicos. As actividades desenvolvidas em projectos complementam a acção quotidiana e visam atender a problemáticas específicas que se manifestam na dinâmica da intervenção social.

Cada instituição promove actividades que podem ser orientadas para grupos específicos, como pais adolescentes, situações de doenças específicas, e por isso requerem intervenções diferenciadas, ou para a população ou para os recursos comunitários em geral como é o caso da autarquia. De destacar uma instituição que desenvolve actividades de investigação/acção no contexto comunitário e direcciona os seus projectos para grupos específicos como crianças em risco e violência doméstica. Dentro destas áreas procura a disseminação de boas práticas através de parcerias internacionais.

Das profissionais e das instituições seleccionadas duas desenvolvem explicitamente actividades de âmbito comunitário e do desenvolvimento comunitário: o poder local e a instituição social 2. Já as outras duas, instituição de saúde e uma organização social 1, centram a intervenção em problemáticas muito específicas e a intervenção só implicitamente poderá ser entendida como comunitária. As suas acções são de articulação com a comunidade, isto é procuram a solução dos problemas nesse contexto, mas não tem como principal objectivo promover o desenvolvimento comunitário mas sim proteger os grupos, sujeitos da sua intervenção.

Figura 1 – Instituição/Problemática

Instituição /profissional	Problemáticas	Outros projectos/actividades
Instituição social 1	<i>Grávidas e purpúreas adolescentes e em situação de exclusão social.</i>	<i>Planeamento familiar; desenvolvimento de competências pessoais e sociais; formação parental a técnicos e utentes; coordenação da por residência temporária para grávidas adultas.</i>
Instituição de saúde	<i>Actua em doença associada a uma situação sócio familiar precária, muitas vezes sem recursos económicos para fazer face à aquisição de medicação e todos os meios de uma sobrevivência digna.</i>	<i>Cooperação internacional e comunitária; Projecto de ajudas técnicas e bens perecíveis; outros projectos relacionados com situações de doenças específicas (cardiologia, cirurgia em ambulatório entre outros).</i>
Instituição poder local	<i>Desenvolvimento social e comunitário. Promover, desenvolver e qualificar os recursos comunitários (trabalho em rede).</i>	<i>Projecto de qualificar as respostas sociais da velhice; Projecto de envelhecimento activo e crescimento humano destina-se a alunos das escolas secundárias e a sua finalidade é promover o valor de cada geração; Programa de apoio alimentar no concelho; Programa que promove a igualdade no acesso aos campos de férias.</i>
Instituição social 2	<i>Produção de conhecimento, através da investigação e da intervenção em torno das questões da pobreza e da exclusão social em contexto comunitário.</i>	<i>Projecto e intervenção com crianças e jovens em risco de abandono e insucesso escolar com o objectivo de contribuir para a inclusão escolar; Parceria de Aprendizagem Transnacional (Espanha, Inglaterra, Polónia); Espaço de atendimento a vítimas de violência familiar.</i>

Quanto às vantagens deste tipo de formação – Figura 2 - os profissionais consideram muito importante a ligação entre o trabalho e os estudos apesar de também referirem que nem sempre têm tempo para esse efeito. Apesar de tudo fazem-no com muito sacrifício pessoal e uma boa capacidade de organização. Quanto ao espaço e importância que a instituição dedica à formação nem todas respondem positivamente. Só duas das instituições dispõem de acções de formação internas e uma favorece a participação em acções de formação externas. A não participação nas acções de formação prende-se com a escassez de recursos humanos. Actualmente é cada vez mais difícil os profissionais ausentarem-se do trabalho para frequentarem acções de formação dada a escassez de recursos humanos.

Figura 2 – Formação em e-learning

Instituição /profissional	Vantagens de participar na formação e-learning	Vantagens da formação e-learning para a instituição
Instituição social 1	<i>Actualização de conteúdos; Na flexibilidade e facilidade de acesso respeitar os ritmos e disponibilidade de cada um para a aprendizagem; Melhor articulação família, trabalho, estudos.</i>	<i>As constantes transformações e mutações sociais exigem rápidas adequações na intervenção social, pelo que o conhecimento de novas metodologias e estratégias de intervenção são uma mais- valia na actividade que a instituição desenvolve.</i>
Instituição de saúde	<i>O enriquecimento de conhecimentos; A especialização em determinada área / assunto; Não ter que sair do local de trabalho; Aprender como funciona o sistema de aprendizagem mencionado.</i>	<i>Seria enriquecedor para o (s) profissional (ais) ter mais conhecimentos sobre esta questão, principalmente para podermos aplicar / adequar novas práticas, caso se considere interessante para melhorar a prática do SS do actual Centro Hospitalar de Lisboa central.</i>
Instituição poder local	<i>A aquisição de conhecimentos teóricos; não ser necessário deslocar e podermos estudar a partir de casa.</i>	<i>O projeto é constituído por alunos de licenciatura e a profundidade das abordagens e acompanhamento tutorial está mais ligada à discussão sobre o Serviço Social. O que se perde em profundidade e maturidade das abordagens penso poder ser compensado através do contacto com realidades sociais e de política diferentes, inserindo-nos numa dinâmica europeia.</i>
Instituição social 2	<i>É a partilha do conhecimento com outras pessoas; Flexibilidade do processo de ensino-aprendizagem; A possibilidade de formação de um grande número de pessoas ao mesmo tempo; A disponibilidade permanente dos conteúdos da formação; E a facilidade de acesso e flexibilidade de horários.</i>	<i>Actualização dos conhecimentos é sempre uma mais valia e a flexibilidade.</i>

Em Portugal ainda não é suficientemente valorizada a formação para efeitos de carreira e por isso as pessoas que o fazem é porque gostam e precisam de aprender cada vez mais. Relativamente ao *e-learning* dos quatro profissionais entrevistados dois já participaram em formações desta natureza, apesar de um não ter terminado a formação. Também

pretendemos saber as vantagens em participar numa formação desta natureza para os profissionais e para as organizações. As vantagens identificadas foram a facilidade de acesso ao conhecimento, actualização de conhecimentos em tempo real, o enriquecimento e a especialização em Serviço Social e o não ter de sair nem do local de trabalho nem de casa para aprender são factores positivos a ter em conta. Mas também, a partilha de conhecimentos com outras pessoas e a possibilidade de formar um grande número de pessoas de uma só vez.

Apesar das vantagens enunciadas uma profissional, esta considera que relativamente ao Serviço Social a parte prática não pode ser descurada. Então como integrar essa dimensão num curso de *e-learning*? A questão prática está incluída nas tarefas que os alunos têm de desenvolver, mas estas tarefas também podem incluir o exercício profissional num determinado contexto organizacional privilegiando até a mobilidade internacional.

A questão colocada quanto à importância que terá para os empregadores um profissional com competências a nível do Serviço Social internacional é de descrédito. A maioria não percepciona essa competência como fundamental para ser admitido na instituição. Consideram por isso que apesar destas valorizem o profissional com este tipo de formação, esse facto não interfere nem negativamente nem positivamente na relação com a instituição nem com o trabalho que desenvolvem.

As vantagens da formação *e-learning* para as entidades empregadoras são identificadas como uma mais-valia sobretudo para melhorar as práticas. Apesar disso seria interessante integrar mais profissionais do que alunos pois estes têm diferentes necessidades e estar na mesma plataforma de aprendizagem com alunos e profissionais pode ser desmotivante para uns e para outros.

Para concluir

As tecnologias da informação e comunicação aplicadas na formação em Serviço Social são úteis para a produção de “novo” conhecimento. Este integra a troca de experiências, teorias e metodologias, isto é o conhecimento e acção do Serviço Social numa perspectiva global e particular ao mesmo tempo. Mas também possibilita a aquisição de competências de informática, de língua inglesa, de novos métodos de trabalho, de novas modalidades de intervenção em contextos sociais cada vez mais exigentes. Revela também a importância da

aprendizagem pela experiência através da "aprendizagem com os outros", como uma parte importante do Serviço Social.

Além disso permite compreender o significado do Serviço Social, suas teorias e metodologias, áreas e organizações em vários países e entender algumas diferenças e semelhanças em relação a determinadas medidas de política e sistemas de estado providência, assim como valores, problemas e culturas no contexto europeu.

A frequência deste tipo de formação aumenta a consciência e abertura para a diversidade de opiniões e a introdução de novos conceitos para a acção social com^{viii} claro destaque para o modo como o Serviço Social é desenvolvido em alguns países da Europa e potencia a modernização do seu conhecimento. De acordo com Bolonha e com a estratégia de Lisboa este tipo de aprendizagem desafia os países a integrar o *e-learning* como parte curricular, nas licenciaturas, mestrados e doutoramentos assim como em determinados cursos de especialização.

Referencias bibliograficas

- Garcia, José Luís (2001). Tecnologia, providência e progresso alguns indicadores doxométricos de biopolítica em Portugal, In José Machado Pais, Manuel Vila Verde Cabral e Jorge Vala (Orgs), *Atitudes Sociais dos Portugueses 2, Religião e Bioética*, Lisboa, ICS.
- Giddens, Anthony (1988). Dimensões da Modernidade, In *Sociologia*, nº 4.
- Giddens, Anthon (1997). *Modernidade e Identidade pessoal*, 2ª ed. Oeiras, Celta editora.
- Castells, Manuel (2005). A sociedade em Rede, In Gustavo Cardoso, et. al (org), *A sociedade em Rede em Portugal*, Lisboa, Campo das Letras.
- Castells. Manuel (2005). *O Poder da Identidade, a Era da Informação, Economia, Sociedade e Cultura*, Vol II. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Netto, José Paulo (1996). Transformações societárias e Serviço Social, in *Serviço Social e Sociedade*, nº 50, S.P. Cortez Editora.
- Miranda, José A. Bragança de (2002). , *Teoria da Cultura*, Lisboa, Edições Século XXI, Lda. p. 8.

Beck, Ulrich (2000). A Reinvenção da Política – Rumo a uma Teoria da Modernização Reflexiva, in *Modernização Reflexiva*, Oeiras, Celta Editora.

Notas:

ⁱ Foi este movimento que, segundo Weber, deu origem a uma vida dedicada à acumulação de riqueza – sociedade capitalista.

ⁱⁱ A separação do tempo e do espaço desenvolveu uma dimensão vazia no tempo, porque estes estavam ligados através da situacionalidade do lugar.

ⁱⁱⁱ Hoje imperam dois mecanismos de descontextualização: as garantias simbólicas (dinheiro) e os sistemas periciais (conhecimento: técnico/científico)

^{iv} Diz respeito à possibilidade de revisão radical à luz de novas informações das actividades sociais e relações materiais

^v O autor identifica também três grandes fluxos: primeiro o fluxo de informação, segundo o fluxo do investimento, onde impera o capital fictício e terceiro o fluxo dos bens e serviços pessoais. Estes estão concentrados em determinados espaços geográficos e são acessíveis só a algumas pessoas.

^{vi} Esta noção de Serviço Social definida nos anos noventa (1991) pela IASSW – International Association of Schools of Social Work e pela IFSW – International Federation of Social Work, APSS, 2000.

^{vii} O projecto vircamp surgiu em 2004 incluído na Rede Temática EUSW - European Social Work. É coordenado pela Bergen College University na Noruega e inclui como parceiros as universidades: Bodø University College da Noruega; a INHOLLAND, Haarlem, Holland; a University of Warmia and Mazury in Olsztyn, Poland; Miquel Torga University College de Portugal; a University of Parma, Italy; a Fachhochschule Vorarlberg, Austria; a Complutense University Madrid, Spain; a School of Health Sciences, Jönköping, Sweden; a University of Wales, Swansea, UK e a University of Applied Sciences, Mannheim, Germany e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Maria Irene Lopes Bogalho de Carvalho é doutorada em Serviço Social pelo Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE, 2010. É Licenciada e Mestre em Serviço Social pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Especialista em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação -Universidade de Lisboa e Pós-graduada em Família e Sociedade pelo ISCTE. É professora universitária, formadora e supervisora de serviços de apoio domiciliário. Realiza investigação nas áreas do Serviço Social, da gerontologia social, do envelhecimento, da política de cuidados (sociais e de saúde) e da violência sobre as pessoas idosas.

Endereço postal: Universidade Lusófona de Humanidades e. Tecnologias , Lisboa (Portugal).

Email: mariacarvalho21@hotmail.com

